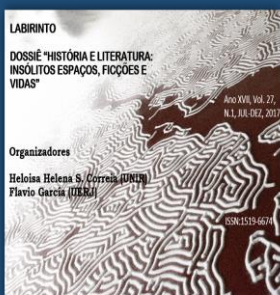


UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO  
INTERDISCIPLINAR DE  
ESTUDO E PESQUISA  
DO IMAGINÁRIO  
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVII  
VOLUME 27  
(JUL-DEZ)  
2017  
P. 210-222.

## IMPrensa E MEMÓRIA: A GEADA NEGRA DE 1975 NO ESTADO PARANÁ

João Paulo Pacheco Rodrigues<sup>i</sup>

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini<sup>ii</sup>

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

### RESUMO

Considerada como um dos maiores fenômenos climáticos do século XX, a Geada de 1975 provocou profundos impactos na organização social, espacial, econômica e ambiental do Paraná. O objetivo desta comunicação é analisar esse acontecimento, atentando para as transformações socioculturais das cidades do norte do estado e como a imprensa retratou tal acontecimento climático na região norte e região sul do estado do Paraná.

**Palavras-chaves:** História do Paraná, Memória, Geada Negra.

### Press and memory: the black frost of 1975 in Paraná state

### ABSTRACT

Considered one of the greatest climatic phenomena of the 20th century, the 1975 Geada caused profound impacts on the social, spatial, economic and environmental organization of Paraná. The purpose of this communication is to analyze this event, taking into account the sociocultural transformations of the cities of the north of the state and how the press portrayed such a climatic event in the northern region and southern region of the state of Paraná.

**Keywords:** History of Paraná, Memory, Black Frost.

## Introdução

Podemos afirmar que a economia do Paraná pode ser dividida entre antes e depois da geada negra de 1975. Para o historiador Roberto Bondarik, em artigo publicado na Folha de Londrina (2005), esse acontecimento teria sido o maior golpe econômico até então vivenciado pela sociedade paranaense.

A região Norte do Paraná, chamada popularmente de terra roxa, é considerada muito fértil. E foi por volta da década de 1940 que ela passou por uma transformação com o surgimento do cultivo do café. Nessa região, o grão rubro transformou “vazios geográficos” em regiões desenvolvidas e urbanizadas. Por meio dele, surgiram vários municípios atraindo várias ondas migratórias tanto de mineiros e paulistas como de imigrantes europeus e asiáticos que, com os brasileiros de diversas regiões, proporcionaram uma especificidade cultural singular. Mais de 200 cidades surgiram nesse período, primeira metade do século XX, tais como: Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina e Maringá.

Segundo Oliveira (2009), entre as décadas de 1940 e 1970, apenas no eixo Londrina – Apucarana – Maringá, o café gerou centenas de milhares de empregos e colocou alimento nas mesas de milhares de famílias. A cultura cafeeira proporcionou oportunidades nas diversas etapas de sua produção: no plantio e manutenção (capina) das roças; na colheita, na

comercialização e transporte até as máquinas de beneficiamento. Desse modo, vários segmentos profissionais garantiram suas rendas, tais como: carregadores, ensacadores, classificadores e, inclusive, as “catadeiras” que separavam os grãos que não possuíam boa qualidade dos demais.

Segundo Nadir Cancian (1977), após a segunda guerra mundial, a produção cafeeira sofreu algumas mudanças pelo aumento dos preços do café e o deslocamento do centro de produção de São Paulo para o Paraná, principalmente no Norte do Estado - Norte Novo em 1951, Norte Novíssimo em 1962 e em 1965 novamente o Norte Novo - onde se configurou como o maior centro dinâmico da atividade.

No entanto, no ano de 1975, a grande geada que atingiu o Paraná dizimou toda produção cafeeira do Estado. Na alvorada de 16 de julho de 1975, os termômetros chegaram a registrar 3 graus negativos no abrigo e 9 graus abaixo de zero na relva. Um frio sem igual queimou os pés de café do topo até a raiz. Um cataclismo, diriam alguns, uma tragédia, constatariam outros. Enfim, uma única certeza: daquele dia em diante a região do Ivaí nunca mais seria a mesma. A paisagem verde, mesclada pelo branco das floradas que outrora enchiam os olhos dos cafeicultores, tão cedo não mais geraria os frutos vermelhos. No dia da “geada negra” um clima de profunda tristeza se instalou entre os municípios.

As notícias difundiram-se com muita rapidez e interferiram nos negócios, trazendo um prejuízo incalculável não só para os agricultores mas também para corretores, beneficiadores, transportadoras, exportadores e compradores. Nos três dias da geada, as temperaturas mantiveram-se muito frias à noite e relativamente quentes durante o dia, além de um vento seco e constante. A imagem que se observava nos dias que se sucederam era dramática: plantações, pastagens e pomares totalmente “torrados”, aparentando uma cor escurecida pela requeima.

No final da tarde, o céu azul ficou marcado por manchas vermelhas que anunciavam o efeito climático. A madrugada do dia 18 (sexta-feira) foi de perplexidade. Nas horas mais frias, os termômetros caíram, eliminando os cafezais.

Em virtude das dimensões do fenômeno, ele foi denominado popularmente de “geada negra” (1975). Os cafezais que cobriam e coloriam a região Norte do Estado se transformaram em uma imensa mancha negra. No Paraná foram dizimados 850 milhões de pés de café e a produção dos grãos dos próximos anos ficou comprometida.

Cabe destacar que o Paraná naquele período era o maior produtor de café do país. Cancian (1981) defende a tese de que a cafeicultura paranaense foi uma continuação da “marcha para o oeste” da cafeicultura paulista. Hipótese essa extremamente coerente quando

consideramos que, a partir do vale do Paraíba, no Rio de Janeiro, o café buscou, como um “rastilho de pólvora”, as férteis terras do Oeste do Estado de São Paulo. Não tardaria para que paulistas e mineiros voltassem suas atenções para as novas terras – sem saúvas – do Norte do Paraná, já na segunda metade do século XIX.

Os fatores dessa “invasão” no Norte paranaense tornam-se praticamente consenso entre os diversos autores. Primeiramente se destaca a expansão da Revolução Industrial, consolidando o imperialismo e a formação de uma nova fase do capitalismo, o capitalismo monopolista, caracterizado pela busca de mercados fornecedores e consumidores. Os imigrantes europeus e japoneses foram, da mesma forma, importantes para impulsionar os empreendimentos agrícolas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Cancian (1981) ressalta que no Paraná, além dos fatores já mencionados, contribuíram também para o desenvolvimento da economia cafeeira a terra de boa qualidade, incentivos do governo do Estado em ocupar terras devolutas de forma permanente e a crise pela qual passava a cafeicultura brasileira, sobretudo a paulista, desde 1893, que gerou medidas restritivas em São Paulo. Em contrapartida, no mesmo período – fins do século XIX e início do século XX – as autoridades paranaenses, por meio do secretário de Estado dos Negócios de Finanças, Comércio e Indústrias, Dr. Javert Madureira, e do presidente do Estado, Dr. Vicente Machado da Silva Lima,

procuravam incentivar e proteger a nascente cafeicultura do Paraná. Em suas mensagens ao Congresso Legislativo do Estado, em 1904 e 1905, eles pediam não só a redução das taxas como a própria isenção de impostos de exportação por Paranaguá.

Conforme evidenciam as pesquisas de Altiva Pilatti Balhana (1969), os primeiros cafezais paranaenses foram plantados por “pioneiros” mineiros e paulistas, que chegaram à região através do rio Itararé durante a segunda metade do século XIX. Como destaques desse período estão as regiões de Siqueira Campos (antiga Colônia Mineira), 1862; Santo Antonio da Platina, 1866; São José da Boa Vista e Wenceslau Braz, 1867. A historiadora destaca que o cultivo do café poderia não ser o objetivo principal desses pioneiros, contudo, há fortes indícios de que plantaram café.

As lavouras de café permitiam, paralelamente, o desenvolvimento de uma cultura de subsistência, pois, uma vez que o sistema de plantio adensado não era praticado, o

agricultor podia fazer uso das “ruas” entre as fileiras dos pés de café para cultivar produtos para o seu sustento e de sua família, assim como abastecer o pequeno comércio da região. No período de colheita, os setores de bens de consumo imediato, como de bens de consumo duráveis e de máquinas e equipamentos, eram extremamente fomentados nas cidades próximas, na Capital Curitiba e até mesmo na não distante cidade de São Paulo.

Atentemos para a geada negra de 1975. Revistas e jornais daqueles dias retrataram o frio europeu que atingiu o Sul do Brasil. No entanto, as manchetes se distinguem conforme a localidade do acontecimento. Se em Curitiba o frio e a neve ganharam contornos de alegria, no Norte, onde o café era a principal atividade econômica, o frio intenso assumiu ares de tragédia, como podemos observar nas imagens 1 e 2.



FIGURA 1: ACERVO GAZETA DO POVO. 18/07/1975.

Na imagem registrada o periódico retrata alguns moradores de Curitiba “brincando” com a neve. Na imagem à direita um rapaz faz um boneco de neve em cima de um veículo Fusca da marca Volkswagen. Na outra fotografia, à esquerda, num plano maior, são retratos de moradores observando a neve, que, segundo a publicação, havia 47 anos não ocorria na cidade. Ao fundo uma edificação antiga, reforçando o paisagismo europeu.

Ao analisarmos o documento impresso, levamos em consideração a análise semântica da linguagem e o contexto social. Destacam-se as propostas de Laurence Bardin (1997), nas quais, “a unidade de contexto diz respeito à totalidade, ao contexto histórico, às estruturas sociais e/ou

ao universo simbólico no qual se insere(m) o(s) discurso(s) analisado(s)” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.383), pois

214

[...] os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (DE LUCA, 2005, p.140).

Tânia Regina de Luca (2005, p.132) aponta alguns passos primordiais para aqueles que propõem o estudo de arquivos periódicos. Para a historiadora, é essencial observar a materialidade do impresso, compreendendo que a grande variação no seu visual é uma consequência da relação de troca entre métodos de impressão disponíveis em um determinado instante e o lugar social tomado pelas publicações.

Na imagem 2, o mesmo jornal escolheu o retrato de uma criança se divertindo na neve, no título, o periódico reforça o sentimento de alegria dos curitibanos com o efeito climático, no texto a

publicação menciona o horário e a intensidade do nevado.



FIGURA 2: GAZETA DO POVO. 18/07/1975.

Sobre as geadas no Paraná, Cancian (1977) afirma que o café já padecia com sucessivas ondas de frio na década de 1960, e Narciso Capelotto lembra que na década de 1960 haviam ocorrido algumas geadas. Nesse momento, é necessário recorrermos aos aportes metodológicos da história oral, que oferece um importante recurso, uma vez que o próprio entrevistador, no ato de produção da narrativa histórica, não deixa de produzir uma versão do que entendeu ter acontecido. Mesmo quando o historiador tem a certeza de que o entrevistado

conscientemente falta com a verdade, cabe àquele tentar entender as razões da "infidelidade histórica", ou seja, quais os motivos que estão levando a pessoa a mentir<sup>iii</sup>.

Essas sucessivas frentes frias nunca chegaram a destruir todo o "pé de café", Capelotto recorda que algumas queimavam uma parte só da planta, porém a geada de 1975 foi devastadora, nenhuma parte da plantação escapou, ele recorda. Segundo o economista e professor da UFPR, Demian Castro, "a geada foi uma contingência climática desastrosa que apressou uma mudança de perfil já em curso no

estado.” Desde os anos 1960, aumentavam os esforços para a industrialização no Paraná, até então restrita ao beneficiamento primário de produtos como a madeira e o próprio café.

As diretrizes do governo militar, nos anos 1970, apontavam para a modernização da agricultura e para o aumento da oferta de alimentos. Nesse cenário, o café vinha perdendo força e sofrendo sucessivas quedas de preço.

Em 1975, a geada atingiu os Estados do Paraná e São Paulo. Pela política de intervenção nos negócios cafeeiros por parte do IBC e de outros órgãos, o preço de venda da mercadoria produzida pela indústria torrefadora brasileira era fixado pelo governo. A concorrência do setor ficou engessada pela política do IBC. A política

de cotas garantia às empresas a sua fatia de mercado e a colocação do café torrado e moído originário das unidades componentes do setor industrial cafeeiro, contando dessa forma com um mercado cativo.

Era o prenúncio da chamada revolução verde: “no vácuo do café, a soja avançou, e isso aconteceu com fortes subsídios dos governos estadual e federal”, lembra o professor.

Na contramão das manchetes curitibanas os jornais da região Norte traziam informações entristecedoras. O Estado do Paraná noticiava: “Não sobrou um pé de café”.



FIGURA 3: O ESTADO DO PARANÁ. 19/07/1975.

Cabe destacar que o uso do jornal como fonte histórica é fruto de um processo de renovação das abordagens políticas e culturais no campo da história, que redimensionou a importância da imprensa escrita, a qual passou a

ser considerada como fonte documental, na medida em que enuncia discursos e expressões relacionados à história do tempo presente. O Diário do Paraná trazia a seguinte manchete: “Geada traz catástrofe para economia nacional”.



FIGURA 4: JORNAL O DIÁRIO DO PARANÁ. 20 DE JULHO DE 1975.

Além de se constituírem em fontes riquíssimas para o pesquisador, os jornais também podem ser vislumbrados como agentes da própria história. Conforme Capelato (1988) a imprensa impôs-se como uma força política. Os

governos e os poderosos, por isso, sempre a utilizam e temem; ora adulando, ora vigiando, controlando e punindo. Pois, os impressos têm a função de “despertar as consciências” e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao



comportamento político do público leitor” (CAPELATO, 1980, p.23).

Ao analisarmos o documento impresso, levamos em consideração a análise semântica da linguagem e o contexto social. De acordo com Tânia De Luca,

Os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (DE LUCA, 2005, p.140).

Os jornais, por meio dos discursos, “produzem estratégias e práticas tendentes a

impor autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas” (CARVALHO, 2005, p.149), isso porque “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2010, p.536).

Os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. “A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos” (CAPELATO, 1988, p.15), como podemos observar nessas imagens. A Folha de Londrina estampava: “Não sobrou um único pé de café”.



FIGURA 5: JORNAL FOLHA DE LONDRINA. 19 DE JULHO DE 1975.

O jornal local Cambira em Foco, no dia 20 de julho de 1975, também mencionou a geada ocorrida na região. Parafraseando o conto *Urupês*<sup>iv</sup>, de Monteiro Lobato<sup>v</sup>,

"E a geada veio. Não Geadinha ciclópica de todos os anos, mas..." Com estas palavras vamos encontrar um conto de Monteiro Lobato, em *Urupês*, descrevendo uma geada como se estivesse agora presente, em pleno 1975, vendo os nossos cafezais todos queimados, com suas folhas a tingirem-se de preto. Para completar o quadro por ele descrito, só esperamos não encontrar pobres cafeicultores, munidos de pincel e tinta verde, a pintar as folhas de seus cafeeiros, na vã esperança de assim recuperá-los e torná-los produtivos (Cambira em Foco, 20 de julho de 1975).

A publicação menciona com pesar o cafezal devastado pelo evento climático e questiona se teria alguma forma de atenuar os efeitos ocorridos.

Falar sobre a extensão dos males é desnecessário. Basta correrem-se os olhos ao longo das estradas, e teremos a triste visão a nos rodear por todos os lados. Podem os homens culpar-se; podem agora, como fazem sempre, atirar-se a culpa pelo ocorrido? Terá alguém alguma fórmula capaz de suavizar os efeitos danosos da geada? Que adiantarão agora as brigas políticas, as dissensões, se não foi e jamais serão capazes de nos livrar destes males temporários? Só a união será capaz agora de minorar os efeitos; todos juntos procurando fórmulas salvadoras, porque mais uma vez o lavrador, e com ele todos que da lavoura dependem, fica ao Deus dará. Felizmente, Deus dará a todos meios de sobreviver e recomeçar a luta, como tem feito até aqui. Basta o trabalho de reconstrução. (Cambira em Foco, 20 de julho de 1975).

O fato é que a população que permaneceu na região se viu obrigada a trocar o campo pela cidade, mas nem todos encontraram emprego na zona urbana. Alguns enfrentaram privações porque essa geada gerou uma "categoria" de trabalhadores que cresceu sob os efeitos do declínio do café. Os denominados "sem rumos", ou a "multidão sem café", foram parar nas periferias das cidades. As grandes fazendas da região que empregavam mais de 500 trabalhadores foram praticamente abandonadas e as que restaram apostaram em novas culturas.

Esse devastador fenômeno provocou profundos impactos na organização social, espacial, econômica e ambiental de toda a região. Muitas pessoas do Norte do Paraná foram obrigadas a deixar suas propriedades e passaram a buscar outras atividades que lhes garantissem a sobrevivência em cidades como Maringá e Londrina.

Os trabalhadores que permaneceram na região do vale do Ivaí acompanharam a implementação da cultura da soja (no verão), do trigo e do milho (no inverno) e também da cana-de-açúcar.

Para os grandes proprietários essa se tornou uma saída plausível. Mas sabemos que a geada apressou o ritmo das transformações que já surgiam no horizonte. Produtores que já vinham sofrendo com o cultivo do café pelo baixo preço e as dificuldades de contratação da

mão de obra logo perceberam o incentivo à produção mecanizada.

Segundo o Instituto Brasileiro do Café, no espaço de menos de um ano, no Estado do Paraná, 300 mil ha de café foram erradicados. Com esse fenômeno climático, novas técnicas de produção (com a mecanização do cultivo e a lavoura branca) foram inseridas na região Norte do Paraná e ocasionaram significativo impacto na estrutura populacional, na medida em que a introdução da mecanização e da modernização da agricultura implicou não apenas a substituição do plantio de café pelo soja, milho e trigo, mas reduziu drasticamente a necessidade de mão de obra no campo.

### Compreendendo a geada de 1975

A geada pode ser considerada o congelamento do orvalho na superfície e pode atingir diferentes intensidades. Para ocorrer esse congelamento, não é necessário que a temperatura no ar esteja igual ou menor que 0°C. Quando se forma apenas uma camada de gelo na superfície, denomina-se de geada branca, e, quando a seiva das plantas congela, chama-se de geada negra, que foi a que aconteceu em julho de 1975 no Paraná.

Segundo Daniel Panobianco (2010), há diferenças significativas quanto à geada branca e a geada negra:

Esse último tipo é a mais devastadora para as plantações, mas só ocorrem em cidades

bem frias e no Brasil afeta apenas as cidades serranas do Sul. A geada negra muitas vezes se forma devido ao vento muito gelado que congela as plantas e nem sempre forma gelo na superfície em função de ocorrer durante qualquer hora do dia quando o ar está mais seco. A geada branca atinge diferentes intensidades. É considerada como geada fraca quando a temperatura do ar está entre 03°C e 05°C, mais ou menos moderada, quando a temperatura do ar está entre 01°C e 03°C, mais ou menos e geada forte, quando a temperatura do ar está menor ou igual a 0°C. As geadas fortes são as geadas negras. Porém já foram registradas geadas com temperaturas de 06°C, pois a temperatura na relva ficou até 07°C menor que no ar. Isto porque dependendo das condições de umidade relativa do ar a perda de temperatura na superfície é muito maior.

Dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) apontam que, na mesma época, uma sequência assustadora de geadas ocorreu em toda a região Sul, além dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e até no sul e oeste de Mato Grosso e sul de Rondônia.

### Apontamentos

A geada negra de 1975, que mudou a história econômica paranaense ao aniquilar a principal cultura agrícola existente no Estado, dificultou a vida de muitos agricultores, ocasionando um fluxo migratório das cidades do interior em direção à capital. Além disso, a construção da usina de Itaipu obrigou pelo menos 8mil agricultores a deixarem suas propriedades, gerando uma demanda por terra que não tinha como ser suprida na região. Ao mesmo tempo, culturas tradicionais no Estado,

como o trigo e o algodão, sofriam com o clima e com a conjuntura econômica. Em escala menor, uma geada ocorrida em 1983 repetiu para os produtores de trigo o estrago que os cafeicultores haviam sentido oito anos antes.

Produtores de lugares como Cornélio Procópio, Loanda, Maringá, São Miguel do Iguaçu e Engenheiro Beltrão passaram a procurar as terras planas e baratas. Teve início, então, um movimento migratório que fez com que o Estado perdesse 13% da população ao longo dos anos 1980. O Estado de Mato Grosso foi um dos principais destinos. A magnitude da migração pode ser avaliada pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2001, a Pnad mostrava a presença de 248 mil pessoas residentes em Mato Grosso que declaravam ter nascido no Paraná – o equivalente a 9,6% da população total e o maior contingente de migrantes no Estado. A pesquisa também não deixa dúvidas sobre o que eles foram fazer por lá: 68% deles vivem em áreas rurais. Podemos considerar todo esse movimento encadeado pela geada de 1975.

## REFERÊNCIAS

CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura Paranense: 1900-1970**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 1977.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. – **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. Ave Maria, 1977

DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. Maringá e o Norte do Paraná: Estudos de História Regional. EDUEM: Maringá, 1999.

LUZ, France. **O Fenômeno Urbano numa zona pioneira: Maringá**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

MARTINS, José de Souza. 1997. **Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. Editora Hucitec, São Paulo, Brasil.

MOTA, Lucio Tadeu. **História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais**. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2005

NEIVA, Artur Hehl. "A imigração na política brasileira de povoamento". **Boletim Geográfico**. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro: 8(86): 151-183, maio, 1950

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná” História e Fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

VELHO, Otavio Guilherme. **“Frentes de expansão e estruturas Agrárias”**. Editora Zahar, Rio de Janeiro. 1981.

ZORTEA, Alberto João. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida: homenagem aos pioneiros**. São Paulo: Juriscredi, 1975

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá, Mestre em História pela mesma, Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes-RJ. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2007).

<sup>ii</sup> Natural de São Paulo (SP); Mestre em História e Sociedade, UNESP (1993); Doutora em História Social, USP (2000); Pós-Doutora em Patrimônio Cultural, UNICAMP (2007). Coordena o Museu Bacia do Paraná (MBP), o Centro de Estudos das Artes e do Patrimônio Cultural (CEAPAC/UEM), o PARFOR-História/UEM e o Programa de Memórias da UEM (PRO-CMU). Como docente do Departamento de História, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) atua desde 1991 no ensino de graduação em História, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais; e nos de pós-graduação em História Mestrado (2000) e Doutorado (2015).

<sup>iii</sup> Os primeiros estudos de história oral surgiram em 1910 com os pesquisadores poloneses, William Tomas e Florian Znaniecki, estes dois publicaram histórias de vida de imigrantes poloneses na obra *The Polish Peasant in Europa in América*. Alberti aponta essa iniciativa como uma das precursoras dessa metodologia, porém deve se considerar o ano de 1948 como o seu marco inicial, foi nesse período que o gravador à fita foi inventado e constituiu-se o *Columbia University Oral History Research Office*, um programa de história oral que tinha como finalidade colher matérias e entrevistas das principais personalidades norte-americanas para o uso futuro.

<sup>iv</sup> *Urupês* é uma coletânea de contos e crônicas do escritor brasileiro Monteiro Lobato, considerada sua obra-prima e publicada originalmente em 1918. Inaugura na literatura brasileira um regionalismo crítico e mais realista do que o praticado anteriormente, durante o romantismo. A crônica que dá título ao livro traz uma visão depreciativa do caboclo brasileiro, chamado pelo autor de "fazedor de desertos", estereótipo contrário à visão romântica dos autores modernistas.

<sup>v</sup> Na obra *Urupês*, Monteiro Lobato narra sobre as dificuldades vividas em São Paulo, mencionando a geada de 1918 que ocorrera no Estado, mais precisamente na fazenda Buquira, de posse do seu avô, o Visconde de Tremembé.

Recebido em: 03/01/2018.

Aprovado em: 18/01/2018.

Publicado em: 30/01/2018.